INFLUÊNCIA(DORES): UM ENFOQUE PSICANALÍTICO SOBRE OS SINTOMAS DA MIDIATIZAÇÃO NA SOCIEDADE

Recebido em: xx/xx/xxxx
Aceito em: xx/xx/xxxx
DOI: 10.25110/educere.vXXiX.2024-00000

Nayla Nogueira Rodrigues[1]
Samira Brito Madeiro[2]
Silvestre Augusto Marinho[3]
Emiliano Bortolone Lopes[4]

RESUMO: O presente estudo analisa, sob uma perspectiva psicanalítica, os sintomas da midiatização e os impactos da cultura digital na constituição subjetiva contemporânea. Com base nas contribuições de Freud e Lacan, entende-se que o sujeito se constitui na relação com o outro, sendo atravessado pela linguagem, pela falta e pelo desejo. No contexto atual, as tecnologias digitais transformam o laço social, reconfigurando formas de interação e pertencimento. Tais mudanças influenciam a manifestação dos sintomas, que passam a expressar sofrimentos ligados à exposição, à ansiedade e à busca por reconhecimento. Nesse cenário, observa-se a intensificação do narcisismo e a incidência de uma lógica de gozo que promete satisfação contínua, mas produz frustração, evidenciando sujeitos presos a ciclos recorrentes de prazer e desprazer.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Digital; Narcisismo; Economia do Gozo; Subjetividade Contemporânea.

INFLUENCE (PAINS): A PSYCHOANALYTIC APPROACH TO THE SYMPTOMS OF MEDIATIZATION IN SOCIETY

ABSTRACT: This study analyzes, from a psychoanalytic perspective, the symptoms of mediatization and the impacts of digital culture on contemporary subjective constitution. Based on the contributions of Freud and Lacan, it is understood that the subject is constituted in relation to the other, being traversed by language, lack, and desire. In the current context, digital technologies transform the social bond, reconfiguring forms of interaction and belonging. These changes influence the manifestation of symptoms, which begin to express suffering linked to exposure, anxiety, and the search for recognition. In this scenario, an intensification of narcissism and the incidence of a logic of enjoyment that promises continuous satisfaction but produces frustration are observed, highlighting subjects trapped in recurring cycles of pleasure and displeasure.

KEYWORDS: Digital Culture; Narcissism; Economy of Pleasure; Contemporary Subjectivity**.**

[1] Acadêmico do Curso de Graduação em Psicologia; UNIPAR; nayla.rod@edu.unipar.br; Orcid
[2] Acadêmico do Curso de Graduação em Psicologia; UNIPAR; samira.madeiro@edu.unipar.br; Orcid
[3] Acadêmico do Curso de Graduação em Psicologia; UNIPAR; silvestre.m@edu.unipar.br; Orcid
[4] Docente

INFLUENCIA (DOLORES): UNA APROXIMACIÓN PSICOANALÍTICA A LOS SÍNTOMAS DE LA MEDIATIZACIÓN EN LA SOCIEDAD

RESUMEN: Este estudio analiza, desde una perspectiva psicoanalítica, los síntomas de la mediatización y el impacto de la cultura digital en la constitución subjetiva contemporánea. Partiendo de las aportaciones de Freud y Lacan, se entiende que el sujeto se constituye en relación con el otro, atravesado por el lenguaje, la carencia y el deseo. En el contexto actual, las tecnologías digitales transforman el vínculo social, reconfigurando las formas de interacción y pertenencia. Estos cambios influyen en la manifestación de síntomas, que comienzan a expresar sufrimiento vinculado a la exposición, la ansiedad y la búsqueda de reconocimiento. En este escenario, se observa una intensificación del narcisismo y la incidencia de una lógica del goce que promete satisfacción continua, pero produce frustración, lo que pone de manifiesto la existencia de sujetos atrapados en ciclos recurrentes de placer y displacer.

PALABRAS CLAVE: Cultura digital; Narcisismo; Economía del placer; Subjetividad contemporánea.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada pela centralidade das mídias digitais e pela intensificação da exposição da vida privada. A figura do influenciador digital emerge como referência identificatória e produtora de sentidos. De forma simples, a midiatização refere-se ao processo pelo qual as práticas sociais, políticas, afetivas e culturais passam a ser organizadas e mediadas pelos dispositivos midiáticos (redes sociais, plataformas digitais, algoritmos, influenciadores, entre outros.)

Na sociedade midiatizada tem-se que a visibilidade se torna valor central que, de acordo com Dunker (2015) refere-se ao princípio ou ideal dominante que organiza a forma como uma sociedade reconhece as pessoas e define o que tem valor, assim como o reconhecimento passa pela lógica da exposição e a validação ocorre por curtidas, seguidores e compartilhamentos. O olhar do outro é constante e ampliado. Nesse contexto, a validação do eu passa a depender fortemente da imagem, sendo associado muitas vezes a dinâmica ao conceito lacaniano do estágio do espelho, no qual o sujeito se identifica com uma imagem idealizada de si. Ressalta-se que “Estágio do Espelho” refere-se ao momento do desenvolvimento infantil, geralmente ocorre entre os seis e dezoito meses de idade, em que a criança reconhece sua própria imagem no espelho e passa a identificá-la como sendo ela mesma, conforme apresentado inicialmente por Lacan (1949).O enfoque psicanalítico sobre as formas de sofrimento da midiatização na sociedade busca compreender como os processos de intensificação da presença das

mídias, especialmente digitais, impactam a constituição subjetiva, os modos de gozo, os vínculos sociais e a produção de sofrimento na contemporaneidade. Na perspectiva de Freud (2016) o sintoma é uma formação do inconsciente, resultado de um conflito psíquico recalcado que retorna de forma disfarçada. Ele tem função, sentido e está ligado ao desejo.

A midiatização não cria o sofrimento, mas expõe seus modos de expressão e os sintomas contemporâneos revelam dificuldades na forma de se organizar diante de um cenário de hiperexposição, impactando o laço social, onde o sujeito contemporâneo oscila entre a busca por visibilidade e conhecimento do olhar do outro. Assim, a Psicanálise contribui ao oferecer uma reflexão que vai além da dimensão comportamental ou tecnológica, focalizando o desejo, o inconsciente e o modo singular de cada sujeito se posicionar frente à cultura digital.

O presente trabalho se justifica pelo fato de que é a partir do meio da comunicação que se tem acesso ao outro, ao se expor diante a mídia e dar voz a sua individualidade.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O Mal-Estar do Sujeito na era digital

Para a psicanálise, a constituição do sujeito envolve um processo dinâmico entre desenvolvimento interno e experiências externas, mostrando que o sujeito se constrói tanto pelas relações sociais quanto pela elaboração psíquica dessas vivências. Assim, entende-se que o sujeito não nasce pronto, mas vai se formando continuamente a partir da interação entre sua vivência no mundo e os significados que atribui a essas experiências. O conhecimento que o indivíduo constrói sobre a realidade influencia diretamente sua maneira de pensar, sentir e agir, ao mesmo tempo em que sua própria subjetividade interfere na forma como percebe e compreende o mundo. Desta forma a constituição do sujeito refere-se ao processo de formação da identidade psíquica e emocional do indivíduo, ou seja, à maneira como a pessoa se torna um sujeito com pensamentos, desejos, sentimentos e formas próprias de perceber o mundo. Esse processo acontece desde a infância e é construído por meio das experiências vividas, das relações com outras pessoas e da forma como o indivíduo interpreta a realidade ao seu redor.

Em sua obra, Freud aponta que o sujeito não nasce pronto e se constitui na relação com seus cuidadores. Freud afirma que o sujeito surge na história e no desejo dos pais.

Lacan complementa que o sujeito depende de um outro para a sua constituição, o qual é essencialmente discursivo. Freud (1895) acrescenta que o "eu" surge a partir das primeiras experiências de satisfação vividas pelo indivíduo. As primeiras experiências de satisfação poderão encontrar em seu percurso o recalque, retornando posteriormente em forma de representações e afetos.

Para Freud (2010) as primeiras experiências de satisfação são fundamentais para compreender como se constitui o psiquismo desde o início da vida. Essas experiencias funcionaram como uma forma indireta de satisfação, expressando conteúdos reprimidos de maneira disfarçada. Hoje, porém, percebe-se que os sintomas se ampliaram e passaram a refletir as condições sociais e culturais atuais.

Freud em seu texto o "O Mal-estar na Civilização" apresenta uma concepção de sujeito marcada por um conflito estrutural entre a busca de satisfação pulsional e as exigências impostas pela vida em sociedade. Complementa que todo indivíduo possui vontades, desejos e impulsos internos que buscam satisfação imediata. No entanto, para viver em sociedade, é necessário controlar e renunciar parte desses desejos, respeitando normas, limites e regras sociais. Essa renúncia gera frustração e sofrimento psíquico, produzindo aquilo que Freud chama de mal-estar. Sigmund Freud (2010) também pontua em sua obra que a sublimação é um processo em que o indivíduo transforma seus impulsos e desejos internos em atividades consideradas positivas e aceitas pela sociedade, como a arte, o trabalho, os estudos ou outras formas de criação. Nesse sentido, o sujeito atual diante do mal-estar produzido pelas exigências e conflitos da vida contemporânea, busca maneiras de elaborar e direcionar suas pulsões, podendo encontrar nas mídias sociais um espaço de expressão, reconhecimento e descarga simbólica desses conteúdos psíquicos.

No contexto contemporâneo, esse mal-estar assume novas configurações com a presença das redes sociais, como Instagram e TikTok, que intensificam os mecanismos de comparação, vigilância e exposição constante. Nessas plataformas, o sujeito é convocado a se apresentar de forma idealizada, reforçando exigências internas e sociais ligadas à performance, ao sucesso e à felicidade contínua. Tal dinâmica amplia a tensão entre desejo e lei, na medida em que promove formas de satisfação imediata e, ao mesmo tempo, intensifica sentimentos de inadequação, insuficiência e culpa, fenômeno que pode ser relacionado à perspectiva de Zygmunt Bauman (2008), ao afirmar que a sociedade contemporânea estimula relações e satisfações marcadas pela instantaneidade, pelo

consumo e pela constante busca de validação. Assim, o mal-estar descrito por Sigmund Freud (2010) não apenas persiste, mas é potencializado na cultura digital, evidenciando novas modalidades de sofrimento psíquico articuladas à lógica da visibilidade e do reconhecimento social. O sujeito freudiano, portanto, configura-se como essencialmente dividido e atravessado por um mal-estar permanente, decorrente da tensão entre desejo e lei, o que resulta em formas sempre parciais e substitutivas de satisfação.

Nesse cenário, observa-se que as redes sociais passam a ocupar um lugar significativo na economia psíquica do sujeito contemporâneo, oferecendo possibilidades constantes de interação, exposição e reconhecimento. Por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos, essas plataformas produzem uma sensação momentânea de pertencimento e validação que pode funcionar como tentativa de aliviar o sofrimento psíquico e suprir demandas emocionais. No entanto, por se tratarem de satisfações passageiras e externas, tais mecanismos não eliminam o mal-estar estrutural do sujeito, apenas o amenizam temporariamente, reforçando a repetição contínua da busca por aprovação e reconhecimento.

A partir da releitura da obra de Sigmund Freud, Jacques Lacan aprofunda a compreensão do mal-estar ao concebê-lo como parte estrutural da constituição do sujeito. Para o autor, o sujeito não é completo, mas dividido e marcado pela linguagem, sendo constituído por uma falta fundamental que nunca pode ser totalmente preenchida. Essa falta representa um sentimento permanente de incompletude, como se sempre existisse algo ausente ou não plenamente satisfeito dentro do indivíduo, levando-o a buscar constantemente formas de preencher esse vazio.

Dessa maneira, o sujeito, marcado por essa falta, pode recorrer a diferentes recursos para amenizar sentimentos de desconforto e mal-estar. Na contemporaneidade, entre esses recursos, destacam-se os mecanismos digitais já mencionados, como as redes sociais e demais ambientes virtuais, que muitas vezes funcionam como espaços de busca por reconhecimento, aceitação e satisfação emocional.

2.2 Midiatização - Transformação do Laço Social e o Sintoma na Contemporaneidade

A ascensão da tecnologia, acelerada de forma repentina pela pandemia de COVID-19, transformou profundamente a nossa sociedade e a forma de se relacionar. O isolamento social necessário para conter a crise sanitária, forçou uma migração massiva

para o ambiente digital e remoto, onde plataformas como Instagram, TikTok e Youtube se tornaram os principais palcos de interação e consumo de conteúdo. Dados mostram um aumento de 71% para 83%, correspondendo a 61,8 milhões de domicílios com algum tipo de conexão à rede, durante o período latente da pandemia (TIC Domicílios, 2020).

Neste cenário emergiu uma nova onda, os "influenciadores digitais", figuras que contém uma gama de seguidores, com um lifestyle invejável e poder de moldar opiniões, desejos, ditar o que é bom ou ruim; como a própria palavra diz, eles têm poder de influenciar pessoas. Esse fenômeno, no entanto, expõe uma nova camada de complexidade na vida moderna.

O excesso de midiatização e a exposição constante a um fluxo interminável de vidas perfeitas, produtos idealizados e experiências inalcançáveis criam uma lacuna entre o real e o virtual. O que a princípio parece ser a busca por um ideal, seja por um corpo escultural, uma viagem exótica ou um estilo de vida glamoroso, revela-se, na verdade, uma sensação persistente de busca. O desejo é, assim, transformado em um sintoma dessa cultura digital, um eco da insatisfação gerada pela comparação incessante e pela busca por algo que nunca se concretiza, deixando um rastro de vazio e carência. Reforçando o que Santi (2005, p. 177) descreve como incerto e ameaçador e que, apenas os “tolos deixam para o dia seguinte o prazer que podem ter hoje”.

A sociedade midiatizada é identificada como aquela que não consome mídia, mas, aquela cuja dinâmica social, política, cultural e simbólica passa a ser estruturada, mediada e reorganizada pela lógica midiática. É nítido a percepção de como as mídias estão presentes na vida cotidiana e como contribui para a transformação das dinâmicas socioculturais. É necessário entender como a presença da mídia transforma o sentido da existência e interfere diretamente nas relações interpessoais e na substituição muitas vezes de ferramentas, meios que até então eram a única possibilidade de interação entre as pessoas, como por exemplo, a carta, o telefone, entre outros.

Segundo Rodrigues (1999) a midiatização pode ser entendida como múltiplos entrecruzamentos entre tecnologias midiáticas, campos e atores sociais, meios de comunicação social tradicionais e sociedade, sendo registrada como processo em que as tecnologias midiáticas, que se justapõe no interior das dinâmicas de funcionamento do tecido social. Para Sodré (2004) a midiatização é tida como uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular

de interação, identificada de tecno-interação e caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *medium*.

Hepp (2014) relata que a midiatização não é um processo natural, mas uma forma de transformação social feita por seres humanos, ao fazer das mídias digitais e suas infraestruturas a base de cada vez mais processos sociais, considerando os meios digitais e as suas infraestruturas como o instrumento central para resolver os problemas da sociedade, promove-se o processo de midiatização profunda em todas as suas dinâmicas.

Na sociedade midiatizada, a cultura do campo midiático e dos demais campos sociais se bifurcam mediante a expansão das tecnologias midiáticas, o que se dá segundo múltiplas, infinitas, descontínua, heterogêneas e complexas formas, intensa e extensamente, objetiva e subjetivamente, formal ou informalmente, na sistemática do tecido social. Com efeito, os atores sociais acabam reconfigurando seu modo de estar no mundo e são condicionados a uma nova experiência; a uma nova forma de existência social; a novos vínculos; a novos modos de agir, acolher significados e produzir sentidos; a novas estruturas para perceber e pensar o real; a novos mecanismos de tomadas de decisão; e a novos meios de interagir e de comunicar que só têm validade na jurisdição da sociedade midiatizada. Isso tudo repercute na construção dos sentidos socialmente compartilhados, produz novas acepções à cultura, aos hábitos, às condutas sociais, aos códigos, aos valores, às sensibilidades, inaugurando padrões identitários e interferindo densamente nos desenhos das sociabilidades já instituídas (SGORLA, 2019, p. 67).

Ainda segundo a autora, fatores ideológicos e econômicos regulam a distribuição e organização das tecnologias midiáticas nas sociedades hoje e observa-se lugares que não são atingidos pelos “processos de midiatização”. Esses locais, por sua vez, não desenvolveram a cognição necessária para interpretar e absorver qualquer discurso, conteúdo ou mensagem que, em sua construção, possua lógicas midiáticas, seja explicita ou implicitamente. Assim, por mais que pareça uma tendência a presença da “midiatização”, ela ainda não contempla toda a topografia do espaço social contemporâneo e, consequentemente, as novas formas de comunicação e de sociabilidade, produzidas na “sociedade midiatizada”, não excluem as anteriores; elas coexistem.

Neste contexto de sociedade midiatizada os jovens estão cada vez mais inseridos e internalizando padrões midiáticos irrealistas gerando conflito entre a identidade real e a idealizada, levando a um estado de permanente insatisfação e alienação. Para Martins et

al (2023) a subjetividade da atual sociedade se modificou juntamente com o crescimento da utilização da internet. O narcisismo ficou mais evidenciado nas pessoas, a busca do Eu-prazer se tornou maior do que o Eu-realidade.

Assis (2024) relata que a influência do consumo midiático na saúde mental, principalmente dos jovens é um tema complexo e multifacetado, que envolve a interação entre fatores individuais e coletivos. A exposição contínua a conteúdos de mídia, especialmente nas redes sociais, contribui para a construção de uma autoimagem idealizada e distorcida, resultando em sentimentos de inadequação e baixa autoestima. A psicanálise nos fornece ferramentas valiosas para compreender esses fenômenos, destacando a importância dos processos inconscientes e das dinâmicas sociais na formação da identidade psíquica. A comparação constante, a busca por validação externa e a idealização de vidas alheias nas redes sociais criam um ambiente propício ao desenvolvimento de distúrbios psíquicos como ansiedade, depressão e transtornos alimentares.

Assim, Freud (1914) exorta o fato de que esse fenômeno pode ser compreendido por meio do conceito de "ideal do eu", que é uma representação interna do que foi construído por influência de pais e cuidadores do que o sujeito gostaria de atingir, muitas vezes baseada em padrões e expectativas externas. Lacan (1949) contribui para essa compreensão com o conceito de "estádio do espelho", que descreve o momento em que o sujeito, ao se ver refletido, reconhece-se como uma imagem idealizada, não somente caracterizada pelo que o sujeito acredita, mas com resquícios do olhar do outro, que é distinta de seu verdadeiro "eu". Essa ideia de “imagem espelhada” é reforçada nas redes sociais para os jovens quando o excesso de comentários e ou curtidas em suas publicações validam de certa forma sua identidade e estimula a construção de uma identidade baseada no olhar do outro, na aprovação ou desaprovação do outro.

É necessário educar os jovens para que desenvolvam uma visão mais realista e consciente dos conteúdos que consomem, fortalecendo sua autoestima e capacidade de autocrítica. Além disso, políticas públicas e iniciativas de saúde mental devem focar na conscientização sobre os riscos associados ao consumo excessivo de mídia e nas estratégias para promover o bem-estar psíquico. A psicanálise, com sua ênfase nos processos inconscientes e nas dinâmicas sociais, oferece uma perspectiva enriquecedora para abordar essas questões, destacando a importância de uma abordagem integrada que

considere tanto os fatores individuais quanto os coletivos na promoção da saúde mental (ASSIS, 2019).

Desta forma, diferentemente das formas tradicionais de sociabilidade, baseadas na presença física e na continuidade dos vínculos, a midiatização promove relações marcadas pela intensidade, pela fluidez e, muitas vezes, pela superficialidade. As interações tornam-se fragmentadas e efêmeras, organizadas em torno de imagens, performances e discursos que buscam captar a atenção do outro. Essa lógica contribui para a construção de um laço social mais instável, no qual o reconhecimento depende da visibilidade e da validação constante.

2.3 Cultura Digital, Narcisismo e Economia do Gozo

A cultura digital contemporânea reconfigura o narcisismo e estabelece o que a psicanálise lacaniana denomina como uma "economia do gozo". Se, no narcisismo primário descrito por Freud (1914) a libido está voltada para o próprio eu, na era das redes sociais assistimos a uma exacerbação do "narcisismo secundário", onde a imagem de si é constantemente mediada pelo olhar do Outro digital, curtidas, comentários e visualizações.ca

Nesse contexto, a chamada cultura digital emerge como um campo central para compreender as dinâmicas sociais atuais, especialmente no que se refere à construção do eu, à busca por reconhecimento e às formas de satisfação psíquica. A articulação entre cultura digital, narcisismo e economia do gozo revela-se, portanto, fundamental para a análise crítica das subjetividades contemporâneas. De acordo com Castells (2005) a sociedade em rede configura uma nova estrutura social baseada na conectividade, na circulação de informações e na centralidade das tecnologias da informação. A cultura digital não se limita ao uso de dispositivos tecnológicos, mas implica uma reorganização das relações sociais e simbólicas, nas quais a visibilidade e a exposição tornam-se valores predominantes.

As redes sociais digitais, nesse sentido, operam como espaços privilegiados de construção identitária, nos quais os sujeitos passam a performar versões de si mesmos orientadas pelo olhar do outro. Operam como verdadeiros espelhos contemporâneos, nos quais os sujeitos editam, filtram e projetam versões de si mesmos em busca de aceitação e visibilidade. Essa dinâmica contribui para a intensificação de comparações sociais e

para a construção de ideais muitas vezes inalcançáveis, o que pode gerar sentimentos de inadequação, frustração e sofrimento psíquico.

Essa lógica de exposição contínua dialoga diretamente com o conceito de narcisismo, inicialmente desenvolvido por Freud que o compreende como o investimento libidinal do sujeito em sua própria imagem. Na contemporaneidade, esse fenômeno adquire novas configurações, sendo amplificado pelas dinâmicas das plataformas digitais. As tecnologias digitais funcionam como dispositivos de captura do desejo e do gozo, por meio de mecanismos que incentivam a repetição e a permanência, como notificações, algoritmos e recompensas simbólicas. No entanto, trata-se de um gozo paradoxal, uma vez que a satisfação obtida é sempre parcial e efêmera, levando o sujeito a reiniciar continuamente o ciclo de busca por prazer. Essa dinâmica contribui para a produção de um sujeito constantemente insatisfeito, preso a uma lógica de excesso e repetição.

A articulação entre cultura digital, narcisismo e economia do gozo permite compreender que o sujeito contemporâneo se encontra inserido em um sistema que valoriza a exposição de si, a busca por reconhecimento e a satisfação imediata. Nesse cenário, a subjetividade é atravessada por exigências de desempenho, visibilidade e felicidade, que nem sempre podem ser sustentadas, gerando tensões e formas específicas de sofrimento. Assim, a cultura digital não apenas redefine as formas de interação social, mas também transforma profundamente os modos de ser e de desejar, evidenciando a necessidade de uma análise crítica sobre seus impactos na constituição subjetiva e na saúde mental dos indivíduos.

Conforme argumenta Dunker (2020) o narcisismo contemporâneo está profundamente associado à necessidade de validação constante, mediada por mecanismos como curtidas, comentários e compartilhamentos. O sujeito passa, assim, a depender do reconhecimento externo para sustentar sua autoestima, configurando uma forma de subjetividade vulnerável e instável. Essa perspectiva pode ser aprofundada a partir das contribuições de Lacan (1949) especialmente por meio do conceito de estádio do espelho. Para o autor, a constituição do eu ocorre a partir da identificação com uma imagem externa, que fornece uma ilusão de unidade e completude. Na cultura digital, essa dinâmica é potencializada, uma vez que as redes sociais funcionam como espelhos contemporâneos, nos quais os sujeitos constroem e editam suas imagens em busca de reconhecimento e idealização. Desse modo, a identidade torna-se cada vez mais dependente de representações visuais e da aprovação social.

Paralelamente, a noção de economia do gozo, derivada da psicanálise lacaniana e amplamente discutida por autores contemporâneos como Zizek (2011) contribui para compreender as formas pelas quais o capitalismo atual mobiliza e explora o desejo e o prazer dos sujeitos. Diferentemente das formas tradicionais de regulação social, centradas na repressão, a sociedade contemporânea opera por meio da incitação ao gozo, isto é, pela constante estimulação do consumo, da satisfação imediata e da busca por experiências prazerosas.

No âmbito da cultura digital, essa economia do gozo manifesta-se de maneira evidente nas estruturas das plataformas, que são projetadas para capturar e manter a atenção dos usuários. Recursos como notificações constantes, rolagem infinita e recompensas simbólicas funcionam como dispositivos que incentivam a repetição de comportamentos e a busca incessante por gratificação. No entanto, trata-se de um gozo paradoxal, uma vez que, ao mesmo tempo em que promete satisfação, produz frustração e insatisfação contínuas, alimentando um ciclo de desejo nunca plenamente realizado.

A articulação entre cultura digital, narcisismo e economia do gozo permite compreender que o sujeito contemporâneo está inserido em uma lógica na qual a exposição de si, a busca por reconhecimento e a captura do desejo se entrelaçam. Nesse sentido, a cultura digital fornece o ambiente no qual o narcisismo se expressa e é reforçado, enquanto a economia do gozo sustenta a dinâmica de engajamento e permanência nesse sistema.

Diante disso, observa-se que a subjetividade contemporânea é atravessada por tensões entre a necessidade de reconhecimento e a impossibilidade de satisfação plena, o que pode resultar em sentimentos de inadequação, ansiedade e esgotamento. Assim, a análise desses fenômenos torna-se essencial para a compreensão crítica dos impactos da cultura digital sobre os modos de ser e de se relacionar na atualidade. A imagem deixa de ser apenas uma representação para se tornar um objeto de consumo. A dinâmica das plataformas digitais opera através do que Lacan (2008) chamou de “mais-de-gozar” (*“plus-de-jouir”*), conceito que ele articulou a partir da mais-valia de Marx. Desta forma, como o trabalhador é expropriado de parte de seu trabalho, o sujeito da cultura digital é impelido a uma produção constante de imagens e conteúdo que alimentam a economia das plataformas, recebendo em troca pequenas doses de satisfação, as "curtidas" que nunca saciam plenamente o desejo. "A sociedade de consumidores não apenas consome

bens materiais, mas transforma as próprias pessoas em mercadorias vendáveis" (BAUMAN, 2017).

Essa transformação do sujeito em mercadoria é o motor da "economia do gozo". O imperativo das redes sociais não é mais o da proibição (o "não pode" da era vitoriana de Freud), mas o imperativo do "goze". Como afirma Alemán (2020) em sua análise sobre o neoliberalismo e a psicanálise, não proíbe, mas ordena a satisfação imediata e a performance constante. O fracasso em ser preguiçoso, ou medíocre, é vivido como uma ferida narcísica profunda, gerando os sintomas de ansiedade e vazio mencionados anteriormente.

A economia do gozo nas redes sociais funciona, portanto, como um circuito fechado: o sujeito busca no celular, "feed perfeito", um suplemento para sua falta constitutiva. No entanto, o consumo desses objetos produz apenas um prazer momentâneo, que rapidamente se transforma em desprazer, exigindo que o ciclo de exposição e consumo seja repetido indefinidamente. Esse modo de gozar ligado à performance aumenta as exigências sobre o sujeito, que se vê preso em uma ditadura do mais-de-gozar, onde a felicidade é uma promessa de mercado que nunca se concretiza plenamente (SOLER, 2012).

Portanto, o narcisismo digital não é apenas vaidade, é uma forma de trabalho subjetivo capturado pela lógica do capital. O influenciador digital personifica esse ideal de "eu" que é, simultaneamente, o produto e o produtor desse gozo. A subjetividade, nesse contexto, fica refém de uma métrica algorítmica que tenta quantificar o imensurável, o desejo humano.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender de que modo as transformações promovidas pela cultura digital impactam a constituição do sujeito e as formas de sofrimento psíquico na contemporaneidade. A partir do referencial psicanalítico, foi possível evidenciar que o sujeito não se constitui de maneira isolada, mas em permanente relação com o outro, sendo atravessado pela linguagem, pelo desejo e pela falta, conforme proposto por Freud e aprofundado por Lacan.

Ao longo da pesquisa, destacou-se que a midiatização reconfigura profundamente o laço social, deslocando as formas tradicionais de interação para um cenário mediado por tecnologias digitais, no qual a visibilidade e o reconhecimento assumem papel central.

Nesse contexto, conforme apontado por Castells (2005) a sociedade em rede intensifica a circulação de informações e redefine as formas de pertencimento, produzindo vínculos mais fluidos, porém também mais frágeis e instáveis. Essa lógica pode ser observada na crescente figura do influenciador digital, que emerge como representante de ideais de sucesso, felicidade e reconhecimento social, tornando-se referência identificatória para muitos sujeitos. Entretanto, ao promover padrões idealizados de vida, reforçando essa dinâmica de processos de comparação, autocobrança e necessidade de validação externa.

Essa nova configuração social contribui para a emergência de formas específicas de sofrimento psíquico, que se diferenciam dos sintomas clássicos descritos pela psicanálise. Observa-se, na contemporaneidade, a predominância de sintomas relacionados à ansiedade, à sensação de inadequação e à busca incessante por validação, frequentemente mediada pelas redes sociais. Como discutido por Dunker, o sujeito contemporâneo encontra-se imerso em uma lógica de reconhecimento que, ao mesmo tempo em que promete pertencimento, produz intensos sentimentos de insuficiência e desamparo.

Nesse cenário, os influenciadores digitais ocupam posição central ao atuarem como modelo de identificação e validação simbólica, influenciando diretamente os modos como os sujeitos percebem a si mesmos e constroem sua autoestima. Ao mesmo tempo em que oferecem referências de pertencimento e reconhecimento, também reforçam padrões idealizados frequentemente inalcançáveis, contribuindo para a intensificação de sentimento de frustração, inadequação e sofrimento psíquico. Dessa forma, a figura do influenciador, inserida na lógica da cultura digital, exemplifica como as novas formas de visibilidade e reconhecimento têm impactado profundamente a constituição subjetiva na contemporaneidade.

Além disso, a articulação entre cultura digital, narcisismo e economia do gozo permitiu compreender que o sujeito atual é constantemente interpelado a se expor, a consumir e a buscar satisfação imediata. A noção de economia do gozo, trabalhada por Zizek (2012), aponta que o capitalismo contemporâneo não apenas regula comportamentos, mas incita o sujeito ao prazer contínuo, ainda que este se revele efêmero e insatisfatório. Tal dinâmica contribui para a manutenção de ciclos repetitivos de desejo e frustração, que se manifestam sob a forma de novos sintomas.

Diante disso, conclui-se que os sintomas da midiatização não podem ser compreendidos apenas como manifestações individuais, mas devem ser analisados à luz

das transformações sociais e culturais que atravessam a subjetividade contemporânea. A psicanálise, ao oferecer instrumentos teóricos para a compreensão do sujeito em sua complexidade, mostra-se fundamental para interpretar essas novas formas de sofrimento, sem reduzi-las a categorias simplificadoras.

Por fim, ressalta-se a importância de ampliar os estudos sobre a relação entre cultura digital e subjetividade, considerando os impactos das tecnologias nas formas de existir, desejar e se relacionar. Compreender os "influência(dores)" da contemporaneidade é, portanto, um passo essencial para a construção de práticas clínicas, educacionais e sociais mais sensíveis às demandas emergentes do sujeito na era digital.

REFERÊNCIAS

ALEMÁN, Jorge. **Capitalismo: Crime Perfeito ou Emancipação**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2020.

ASSIS, Marco. **A Influência do Consumo Midiático no Desenvolvimento de Distúrbios Psíquicos em Jovens.** Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 15, p. 1-19, 2024. ISSN: 2965-6672.

ASKOFARÉ, S. **Da subjetividade contemporânea.** A PESTE: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia, v1, n1, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt; DESSAL, Gustavo. **O retorno do pêndulo: Sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido.** Zahar. 2017, 146p.

CASTELLS, M. A **Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política**. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (org.). A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Acção Política. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. p. 17-30.

CETIC. **Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação TIC nos Domicílios**. 2019. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 20 fev2026.

DUNKER, Christian. I. L. **O cálculo neurótico do gozo** São Paulo, Escuta. 2002.

DUNKER, Christian. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, Christian. I. L. **Teoria da transformação em psicanálise clínica a política.** Revista Psicología Política, ISSN-e 1519-549X, Vol. 17, Nº. 40, 2017, págs. 569-588

DUNKER, Christian. I. L**.A Arte de Chorar: Perda e Luto na Cultura do Narcisismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

FONSECA, G. M. P. **Caminhos do narcisismo: um passeio entre os pensamentos de Freud, Lacan e Gree.** (Mestrado em Psicologia). PUC-Rio, 2017. Disponível em:<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47643/47643.https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47643/47643.

FREUD, S. **Psicanálise silvestre**. Rio de Janeiro: Imago, 1969 (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11). 1910.

FREUD, S**. Introdução ao narcisismo.** In S. Freud, Obras Completas (Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914). 2010

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e medo**. L&PM Editores. ISBN: 8525434515, 9788525434517. 2016. 176p.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1930-1936). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HEPP, Andreas. **As configurações comunicativas dos mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da "mediação de tudo".** Matrizes, São Paulo, s/v, n. 1, jan./jun., 2014. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82930/85964. Acesso em 12mar2026.

LACAN, J. **O Seminário, livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1964

LACAN, J. **O estádio do espelho.** In J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1949).

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MARTINS, A. S; FRANCO, B. F.; VASQUES, A. T. D. **Os impactos das redes e mídias sociais na subjetividade: uma leitura psicanalítica.** Psicologias em Movimento - v.3, n.1: jan-jul, 2023.

RODRIGUES, Adriano. **A autonomização do campo dos media. In: Reflexões sobre o mundo contemporâneo** (Raimundo Santana Revan, org.). Teresina: UFPI. 2000

RODRIGUES, Adriano. **Experiência, modernidade e campo dos media**. www.bocc.ubi.pt. 1999.

SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **O Mundo Virtual: do lúdico ao acesso ao outro.** O 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação, 2018.

SGORLA, F. **Discutindo o processo de midiatização.** Mediação. Belo Horizonte, v9, n.8, jan/jun de 2009.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho.** Petrópolis: Vozes, 2004.

SOLER, Colette. **Lacan e a face econômica do gozo**. São Paulo: Escuta, 2012.

ZIZEK, S**. Menos do que nada.** São Paulo: Boitempo, 2012.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Autor: Nayla Nogueira Rodrigues[1]
Autor: Samira Brito Madeiro[2]
Autor: Silvestre Augusto Marinho[3]